

alvos a que atiraram aquelles imprudentes moços os Drs. Rodrigues da Silva, cathedratico de chimica mineral, e Virgilio Damasio, oppositor da secção accessoria. O Dr. Virgilio foi pelo parente de um acommettido em uma rua proxima á Escola com palavras desattenciosas e gestos ameaçadores, de cuja continuação privaram-no outros que o seguiam. O Dr. Rodrigues da Silva foi aggreddido pelo outro estudante, de nome Affonso Lustosa, que lhe dirigiu, encontrando-o no limar do saguão da Faculdade, palavras pouco attenciosas e ameaças, que não levou a effeito por opporem-se-lhe o Dr. Rosendo e o 6.º-annista Pedro Gomes de Argollo Ferrão.

Propalando-se a noticia de semelhante desacato, convocou o Sr. Director em continente a Congregação, a qual em sessão de 13 de novembro procedeu contra taes estudantes, e achando a Affonso Lustosa incurso no art. 162 dos Estatutos, lhe impoz a pena de exclusão das Faculdades.

Eis, Senhores, o que o tempo e as nossas forças intellectuaes nos permittiram fazer, e si vos enganastes, esperando trabalho de melhor quilate, a culpa de certo não deve ser lançada á nossa conta.

Bahia, 1.º de Março de 1872.

PSYCHOLOGIA MORBIDA

DISCURSO PROFERIDO NA SOCIEDADE DE PSYCHOLOGIA MEDICA DE BIRMINGHAM

Pelo professor de medicina legal Henrique Maudsley

Senhores:—Na abertura d'esta sessão a que tenho a honra de presidir entregar-me-hei ao estudo de observações geraes e introductorias deixando á outros trabalhos scientificos de maior monta. É opportuna a occasião para examinarmos as relações da psychologia medica com certas e importantes questões do dia, e assim apreciarmos a influencia que o seu progresso possa exercer sobre estas. Permitti-me pois que lançando um olhar retrospectivo avaliemos o que esta sciencia foi, afin de saber-mos o que ella é e se nos será possivel prever os seus progressos, pois muito bem sabeis que apesar de importantes trabalhos a psychologia medica não é ainda uma sciencia completa.

Uma das paginas mais negras da historia é a que relata as barbaridades com que eram tratados os pobres loucos na antiguidade. Convém estudarmos as causas de tal procedimento até porque este triste costume não foi de todos os tempos e de todas as nações, e sim originou-

se da ignorancia e superstição dos tenebrosos tempos da Europa christã.

Os antigos povos que precederam os gregos e os egypcios pelo menos, davam um tratamento racional a loucura, e é certo que os gregos tinham theorias exactas sobre a natureza d'esta molestia, pois consideravam-na curavel por meios Moraes e medicamentosos.

Os poetas dramaticos, é verdade, apresentavam terriveis pinturas de loucos perseguidos pela cholera dos Deoses, porém estas não passavam de ficções poeticas que não davam idéa dos conhecimentos d'aquelle tempo. Então como agora e sempre os verdadeiros pensadores não acreditavam nas fabulas e superstições do vulgo, e bem se pode avaliar a intelligencia grega na psychologia de Platão, na encyclopedia de Aristoteles, e nas doutrinas medicas de Hippocrates. Este eminente medico philosopho regeitando in limine a origem divina das molestias, e com o seu luminoso talento, com aquelle senso pratico e experimental que o distinguia, estudando os symptomas do delirio, constituiu-se desde então o observador—modelo dos tempos a vir. Assim elle chamou attenção para certos factos de observação, como seção. a insensibilidade physica dos loucos, a apparição de desordens intellectuaes na primavera, os desarranjos mentaes produzidos pelo medo e pelos pezares, a coexistencia da melancolia e da epilepsia, a importancia critica dos molimens hemorrhoidarios da mania, a difficuldade de curar-se a loucura depois de quarenta annos, etc., etc., etc.; e como não havia superstição nas suas doutrinas. não havia tambem barbaridade no tratamento, que era todo medico.

Até o tratamento moral foi conhecido dos gregos, pois que Asclepiades parece ter sido fundador do methodo psychico, empregando o vinho, a muzica, os divertimentos, os amores e todos os meios capazes de prender a attenção e exercitar a memoria, aconselhando medidas violentas só quando os doudos eram furiosos. Porque forma todas estas luminosas idéas cahirão no esquecimento? Porque razão a elevada cultura esthetica, e o brilhante desenvolvimento intellectual da era grega, que parecia para sempre de posse do genero humano, perdeu-se nas trevas da idade media?

Traçar as causas d'esta triste decadencia seria ir além do que nos propomos; mas basta dizer que a philosophia que se tinha elevado tanto em trabalhos para sempre monumentaes, sepultou-se por tanto tempo nos vagos das su-

perstições e ignorancia que não dava mais signaes de existencia. Quando chegou a epocha da renascença pouco melhoraram as cousas. As estereis subtilizas escolasticas, e o mysticismo methaphysico delectavam os homens de talento que travavam-se de disputas verbaes sem mesmo comprehender os termos empregados e na cega adoração da autoridade Aristotelica abandonaram o verdadeiro methodo de sua philosophia, e nenhuma importancia deram aos factos.

Como se o saber consistisse em combinações engenhosas do espirito, não procuraram observar os phenomenos da natureza e as leis que os regem, mas, queriam que seus esforços intellectuaes explicassem sós todos esses factos, de modo que a philosophia não passava de um labirinto de termos inintelligiveis. A este genero de actividade intellectual juntava-se, como consequencia necessaria do detastavel ensino e praticas monasticas, o rigoroso ascetismo que considerava o corpo uma cousa vil e despresivel, o templo de Satanaz, pouzo das luxurias em guerra contra a alma que devia ser quotidianamente immolada com todas suas affecções e desejos.

Tal era a monstroza doutrina da união d'alma com o corpo. Como poderia existir theoria racional sobre a loucura em um tal atmosphera de sentimentos e ideias? Era impossivel considerar-se a loucura molestia, e ella devia de ser necessariamente couza sobrenatural, divina ou diabolica. Se os loucos affectavão certo character religioso, e sua vida consistia em praticas fanaticas, se como S. Macario dormiam por mezes nos pantanos expondo se nús ás farpas de venenosos insectos; se como S. Simeão passavam a maior parte de sua vida em cima de uma columna de sessenta pés de altura, ou se como S. Antonio o patriarcha do monachismo chegaram á velhice sem ter lavado os pés, elles tinham attingido ao ideal do aperfeiçoamento humano, e erão logo canonisados. Outras vezes julgaram-nos indemoniados, diziam que suas almas escravizadas pelo pecado erão victimas do castigo divino e que por tanto não deviam ser considerados homens. Resultava destas ideias que os indemoniados soffriam mais dos demonios que tomavam conta delles, do que do diabo que se tinha apessado de si; e quando não morriam como hereticos ou criminosos, erão atirados encorrentados em calabouços immundos, onde lhes atiravam os alimentos pelas grades, e onde os expectadores vinham vê-los por divertimento como se fossem ani-

mais ferozes. Apanhavam de chicote, soffriam outros castigos barbaros, e em summa eram mais maltratados do que as feras. Outros eram queimados como feiticeiros, ou por terem parte com o diabo. Serve-nos isto de comparação com os tempos presentes em que felizmente estas *diabruras* desappareceram, e para vêr-se que estas causas ficticias queriam explicar factos, que indubitavelmente eram filhos da loucura. É um facto muito commum na historia da humanidade vêr se frequentemente perdurar certas praticas absurdas depois que a theoria, que lhes deu origem, perdeu de seu valor na crença do genero humano.

Não admira pois que o cruel tratamento dado aos loucos sobrevivesse á crença nos possessos, ainda que admira vê-lo se estender até o seculo actual. As causas de tal anomalia devem ser procuradas nas tendencias metaphysicas do espirito que prevaleceram por muito tempo depois que as sciencias de indução invadiram e conquistaram outros compartimentos da natureza. A theologia e a metaphysica tendo interesses communs eram naturalmente alliadas afim de se apossar completamente do espirito, e impedir os progressos do exame inductivo. Com as noções que davam da natureza do espirito e suas relações com o corpo seria sacrilego o que procurasse estudar-o partindo das experiencias physicas; e aquelle que suppusesse penetrar no sanctuario da natureza, pelo estado das funções organicas, era um ser depravado e vil em estado miseravel de degradação. O espirito das especulações metaphysicas pouco menos hostile era ás indagações physicas sobre as funções intellectuaes, porque quando alguns observadores mais ouzados, desprezando as contendas verbaes, applicavam-se á observação dos phenomenos mentaes, o methodo por elles seguido era muito imperfeito e não passava de um systema exclusivo, que cada qual estudava no seu proprio espirito e propunha como philosophia o que ali observavam, de modo que a observação externa do espirito em todas as suas variadas manifestações, e o exame das funções organicas em todos os actos intellectuaes eram ignorados. Adquiridas estas experiencias os homens erradamente applicaram ao estado mental dos loucos as suas conclusões, e sentindo-se com o poder de querer o bem e evitar o mal, nunca duvidaram de que os loucos tivessem semelhante clareza de consciencia e vontade á ponto de, se o quizessem, coordenar suas acções e suas desordenadas ideias. O calabouço, os ferros, o chicote e outros instrumentos de castigo forão

empregados como meio de coacção, e resultava d'hi que a loucura deveria necessariamente cessar, porque era uma molestia que se prolongava por incuria e vontade do individuo. Fosse porque a noção theologica da loucura considerou-a obra de Satan, fosse pelas erroneas theorias oriundas da metaphysica, aconteceu que só em nossos tempos foi abolido o bárbaro systema do tratamento. A fallar a verdade o genero humano não deve agradecimentos e ao contrario deve attribuir muitos erros e infinitos soffrimentos á theologia e á metaphysica. Foi só quando, os homens collocando-se no ponto de vista luminoso, em que estavam os Gregos, começaram a lucta para libertar-se dos prejuizos da falsa theologia e da abstrusa methaphysica, que a loucura foi considerada molestia e como tal susceptivel de ser alliviada ou curada pelos meios medicos, e moraes.

Pedro Moreira.
(Continúa)

CIRURGIA

ESTUDO SOBRE AS AFFECÇÕES GLAUCOMATOSAS

Pelo Dr. José Lourenço de Magalhães

(Continuação do n. 125.)

Sem o conhecimento anatomo-physiologico do órgão, que é a séde de um padecimento qualquer, torna-se impossivel apreciar devidamente as alterações pathologicas que o mesmo órgão apresenta. No glaucoma, sem previo conhecimento das disposições anatomicas dos tecidos intra-oculares, sobre as quaes influem os phenomenos que o caracterizam, e sem o manejo dos meios de exploração, que nos conduzem ao seu diagnostico, seria inutil desenvolver aqui os seus symptomas, por mais completo que lhe traçassemos o quadro.

Obedecendo a esta consideração, pareceu-nos conveniente, antes de entrar no vivo do assumpto, começar por algumas noções preparatorias, que tornem mais facil este estudo aos que não se tiverem dado de certo modo a cultura da ophthalmologia, para es quaes de preferencia escrevemos.

Da anatomia do olho pouco diremos, limitando-nos a recordar alguma disposição, cujo conhecimento interessa immediatamente ao estudo de semelhante molestia; passaremos em seguida a nos occuparmos da physiologia da visão e do manejo do ophthalmologia

A sclerotica é a membrana que mais concorre para manter a conformação normal do olho;

das membranas d'este órgão ella é a mais espessa e resistente: é o seu esqueleto. Esta membrana apresenta grande numero de orificios pelos quaes atravessam todos os vasos e nervos que se dirigem ao interior do olho ou que d'elle sahem. Com o progresso da idade augmenta-se a espessura da sclerotica.

A constancia com que o glaucoma se manifesta, como veremos mais tarde, em um periodo da vida mais adiantado, tem impressionado os ophthalmologistas, levando-os a procurar nas modificações inherentes a idade uma explicação satisfactoria dos phenomenos glaucomatosos. N'este empenho attraheu-lhes a attenção este augmento da sclerotica.

Assignalando de passagem esta disposição anatomica da sclerotica, nos reservamos para mais tarde, quando nos occuparmos da pathogenia do glaucoma, tratar dos papeis que no entender de alguns ophthalmologistas esta membrana representa no desenvolvimento da mesma affecção.

Depois da sclerotica temos a choróide, destinada, segundo opinão outros ophthalmologistas, a representar o principal papel, de natureza inflammatoria, nas manifestações glaucomatosas, apesar de não ter ainda a anatomia pathologica, como mostraremos, podido descobrir alterações d'esta membrana, que justifiquem semelhante opinião.

Modernamente se tem pretendido descobrir entre a choróide e a sclerotica uma verdadeira *arachnoide intra-ocular*. O Sr. Sichel filho, alludindo (1) a uma memoria do Sr. Shwalbe, na qual este medico descreveu uma membrana sorosa entre aquellas duas membranas, fundou sobre semelhante descobrimento suas esperanças quanto á solução do problema pathogenico do glaucoma.

Não sendo nosso intento desleçar a questão tão controvertida da natureza do glaucoma, limitamo-nos a indicar a (por emquanto) desajada existencia de uma membrana sorosa, cuja falta tem sido até aqui um obstaculo á consagração das idéas d'aquelles ophthalmologistas, que vêem no glaucoma uma inflammação secretória.

Passemos adiante. Os nervos opticos, depois de atravessarem a sclerotica e a choróide, chegam a cavidade dos olhos a 3 millimetros para dentro do eixo visual e a 1 millimetro para baixo. A terminação d'estes nervos ao nivel da retina traduz-se por uma mancha quasi sempre oval, sendo o maior diametro verticalmente di-

(1) Annales d'oculistique, 1871.